

Mediação, diálogos e narrativas: entre os equipamentos culturais e as crianças pequenas

Danielly Tintori Nascimento
Margarete Sacht Góes

Danielly Tintori Nascimento

Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil

E-mail: daniellytintori@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-00002-4100-9875>

Margarete Sacht Góes

Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil

E-mail: margarete.goes@ufes.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7146-6022>

Resumo

O presente artigo é fruto de duas pesquisas, realizadas entre 2021 e 2022, acerca dos educativos e mediações culturais destinados ou que incluam as crianças da Educação Infantil na cidade de Vitória-ES/BRASIL. Por meio de um estudo de caso com uma turma da Educação Infantil, investiga as ações educativas e mediações culturais com/para crianças pequenas a partir das narrativas dos sujeitos (crianças e mediadoras/es) em espaços não formais. Por meio de visitas e mediações a duas exposições em cartaz no ano de 2022, faz um cotejamento entre os processos educativos e mediativos ao refletir sobre as narrativas dos sujeitos que habitam esses espaços e analisa se as ações educativas consideram os eixos da cultura infantil, que são a interatividade, a fantasia do real, a reiteração e a ludicidade. Fundamenta-se teoricamente em Gabre (2021), Martins (2011), Martins e Picosque (2012), Sarmiento (2004) e Carvalho (2007). Finaliza, propugnando a relevância da inclusão das crianças pequenas nos equipamentos culturais ao considerá-las como um público em potencial para habitar, fruir e ressignificar seus espaços e obras.

Palavras-clave: Arte/Educação. Educação Infantil. Mediação Cultural.

Recebido em: 30/05/2023

Aprovado em: 26/01/2024



 <http://www.perspectiva.ufsc.br>
<http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2024.e94676>

Abstract**Mediation, dialogues, and narratives: between cultural facilities and young children**

This article is the result of two studies, carried out between 2021 and 2022, regarding the educational and cultural mediations that aim at children of Early Childhood Education or that include them, in the city of Vitória-ES/Brazil. Through a case study with a class of Early Childhood Education, it investigates educational actions and cultural mediations with/for young children from narratives of the individuals (children and mediators) in non-formal spaces. Through visits and mediations in two exhibitions in the year 2022, it makes a comparison between the educational and mediative processes by reflecting on the narratives of the individuals who inhabit these spaces and analyzes whether the educational actions consider the axes of children's culture, which are the interactivity, fantasy of the real, reiteration and playfulness. It is theoretically based on Gabre (2021), Martins (2011), Martins e Picosque (2012), Sarmiento (2004) and Carvalho (2007). It concludes by promoting the relevance of the inclusion of young children in cultural facilities by considering them as a potential audience to inhabit, enjoy and re-signify their spaces and works.

Keywords:

Art/Education.
Child education.
Cultural
Mediation.

Resumen**Mediación, diálogos y narraciones: entre equipamientos culturales y niños pequeños**

Este artículo es el resultado de dos proyectos de investigación, realizados entre 2021 y 2022, sobre educación y mediación cultural dirigida o que incluye a niños de Educación Infantil en la ciudad de Vitória-ES/Brasil. A través de un estudio de caso con una clase de Educación Infantil, investiga acciones educativas y de mediación cultural con/para niños pequeños a partir de las narrativas de los sujetos (niños y mediadores) en espacios no formales. A través de la visita y mediación de dos exposiciones que se exhiben en 2022, compara los procesos educativos y mediativos reflexionando sobre las narrativas de los sujetos que habitan estos espacios y analizando si las acciones educativas tienen en cuenta los ejes de la cultura infantil, que son la interactividad, la fantasía de lo real, la reiteración y lo lúdico. Se basa teóricamente en Gabre (2021), Martins (2011), Martins y Picosque (2012), Sarmiento (2004) y Carvalho (2007). Concluye subrayando la importancia de incluir a los niños pequeños en los equipamientos culturales, considerándolos un público potencial para habitar, disfrutar y dar un nuevo significado a sus espacios y obras.

Palabras clave:

Escuela
Secundaria.
Reforma
Curricular.
Política
Educativa.

Introdução

Atualmente, no campo dos museus e galerias de artes e com a perspectiva de uma sociedade cada vez mais inclusiva, tem-se buscado a inserção dos mais variados públicos para habitar os equipamentos culturais e fruírem de seus educativos, mediações, obras e dos próprios espaços artísticos e culturais. Entretanto, será que todos os públicos potenciais estão sendo considerados? A acessibilidade tem sido pauta de tantas discussões e políticas públicas, mas, e as crianças da Educação Infantil? Elas têm tido acesso aos espaços de arte? Em contrapartida, esses espaços têm pensado as especificidades das crianças pequenas?¹

Durante muito tempo, as crianças foram invisibilizadas e as infâncias², compreendidas como uma fase passageira destinada a chegar na idade adulta. No entanto, na contemporaneidade, torna-se premente considerar as especificidades das infâncias e das crianças ao compreendermos que elas são sujeitos históricos e de direitos, produtoras e consumidoras de cultura, que aprendem nas interações sociais, no diálogo e nas práticas cotidianas que vivenciam, produzindo sentidos a partir das próprias experiências (Brasil, 2010).

Essa concepção sobre as crianças lhes garante o direito de acesso aos mais variados espaços da cidade, incluindo os espaços de arte como museus, galerias de arte e centros culturais. Desta forma, depreendemos que esses espaços necessitam fomentar e propor uma educação em arte por meio de seus educativos ao planejarem as mediações e materiais que considerem as singularidades das crianças da Educação Infantil, propiciando-lhes oportunidade de acúmulo de saberes, vivências e repertórios não apenas visuais e artísticos, mas pessoais e sociais, capazes de potencializar suas aprendizagens em relação ao conteúdo histórico-artístico-cultural produzido pela humanidade.

Esses movimentos garantem, aos sistemas da arte, reafirmarem sua responsabilidade política, inclusiva e democrática em relação à arte, à cultura e à educação em nossa sociedade, pois são locais potentes para o desenvolvimento e a aprendizagem ao apresentarem dispositivos capazes de ampliar o repertório e as vivências estéticas e estésicas das crianças, também são um espaço para fruição de obras, objetos, imagens e símbolos e para desenvolvimento de um olhar crítico e sensível.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar as ações educativas e mediações culturais com/para crianças pequenas a partir das narrativas dos sujeitos (crianças, mediadoras/es e arte/educadores) em espaços não formais.

¹ De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), crianças pequenas correspondem a 4a - 5a11m de idade.

² A infância é uma construção social, que possui diferenças diacrônicas, ou seja, historicamente construídas e transformadas no decorrer dos anos. E, também, diferenças sincrônicas, o que revela que, em um mesmo tempo, as formas de compreender as infâncias podem ser distintas, conforme a localização geográfica, as religiões, a etnia, a classe social, o gênero, enfim, são muitas as variáveis que interferem na maneira de representar a infância. Cabe destacar que essas variáveis sofrem constantes modificações, assim podemos dizer que existem muitas “infâncias” (Amaral, 2011, p. 2).

Dessa maneira, realizamos um estudo de caso em dois espaços da cidade que contam com profissionais que atuam em mediações e educativos para/com as crianças pequenas. As visitas mediadas ocorreram no Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo – MAES, com a exposição “Linguagens – Dionísio / Samú”, e na Galeria Matias Brotas Arte Contemporânea – MBac, com a exposição “A ousadia das Linhas, a astúcia das Sombras”.

Ao analisar o educativo desses espaços, observamos também como as equipes que o compõem consideram os eixos da cultura infantil, que são a interatividade, a fantasia do real, a reiteração e a ludicidade (Sarmiento, 2004).

Curadorias, mediadoras/es e processos mediativos

Refletindo sobre o art. 29 da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, o qual diz que os museus deverão promover ações educativas “[...] fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação” (Brasil, 2009), surge a necessidade de inserir a perspectiva pedagógica/educativa nos espaços museológicos.

Com isso, vários Museus começaram a efetivação de um setor educativo dedicado a promoção de ações para o público em geral e, principalmente, para o público escolar, que é maioria em visitas mediadas. Tais ações são importantes para conservar, investigar, comunicar e interpretar a arte e a cultura, princípios fundamentais do campo museal.

Aqui referenciamos os museus, entretanto, consideramos os espaços expositivos de arte em geral, como as galerias de arte e os centros culturais, por terem como um de seus princípios a difusão da arte e cultura, tal qual os Museus.

De acordo com Barbosa e Coutinho (2009), os museus e espaços de arte são comumente habitados pelo público escolar, sendo estes os grupos mais abundantes. As autoras afirmam que:

A partir da década de 1990, por esses motivos ou por maior desenvolvimento da consciência social, muitos museus criaram setores educacionais. A atenção dada à educação nos museus aumentou quando as mega exposições permitiram descobrir que as escolas são o público mais numerosos nesses eventos e, portanto, inflam as estatísticas e ajudam a mostrar grande número de visitantes aos patrocinadores (Barbosa; Coutinho, 2009, p. 17).

O público escolar, sendo o maior em visitas de exposições de arte, começa a ser considerado, todavia, muitos equipamentos culturais ainda não realizam uma curadoria educativa, exposições e mediações que incluam as crianças pequenas. Isso ocorre pelos mais diversos motivos, dentre eles, o de esse público específico ser considerado “difícil de se trabalhar”.

Sob essa perspectiva apontada pelas autoras, de o público escolar ser o mais numeroso em visitas de exposições de arte, instituem-se ações pedagógicas por parte dos aparelhos culturais para atendê-los, ou seja, as sessões educativas e as mediações culturais. Essas ações poderiam ser pensadas para todos os tipos

de visitantes, incluindo todos os segmentos da Educação Básica, iniciando na Educação Infantil, já que os espaços de arte têm, como predomínio de público, crianças e adolescentes em fase pré-escolar³ e escolar. Porém, algumas questões se tornam pertinentes quando falamos de visita mediada para as crianças da Educação Infantil.

Destacamos então as seguintes indagações: pondera-se a participação da criança pequena em uma exposição/mostra de arte? As/Os mediadoras/es que intervirão e dialogarão com essas crianças estão preparadas/os para lidar com esse público infantil considerando os eixos da cultura infantil?

Essas reflexões e análises se constituem pontos fulcrais quando se trata dos sistemas da arte, pois as crianças pequenas — inclusive os bebês e crianças bem pequenas — têm o direito de frequentar e de ocupar esses espaços com mediações para que acessem e ativem as obras e objetos a partir de suas vivências, assim como participar dos processos educativos que considerem suas singularidades, reafirmando assim que os aparelhos culturais cumpram seu papel social de disseminação da arte, da cultura e da educação.

Carvalho (2007) discute acerca da presença das crianças pequenas nesses espaços e sobre a dificuldade das/os mediadoras/es e arte/educadores em atendê-las ao realizar uma pesquisa sobre o educativo do CCBB – Rio de Janeiro. A autora infere que:

[...] dentre as dificuldades apontadas pelos integrantes do Setor Educativo no atendimento ao público escolar, lidar com as crianças pequenas foi a mais recorrente, configurando-se, por vezes, como o mais indesejado dos visitantes. Para alguns monitores, esse segmento representava um grande desafio, e a incerteza de como realizar o trabalho imperava nas visitas. Em geral, demonstraram uma concepção de criança que levava à crença na incapacidade desses sujeitos em aproveitar situações de aprendizagem diferenciadas, como a que se passa em um museu ou centro cultural (Carvalho, 2007, p.9).

Muitos mediadoras/es, sem mesmo terem contato com crianças e sem formação necessária para compreender as especificidades da Educação Infantil, precisam mediar para os pequenos e acabam, por vezes, inviabilizando o processo mediativo, ou seja, ele acaba não sendo proveitoso para os sujeitos envolvidos.

A dificuldade em mediar com e para o público infantil, relatada por Carvalho (2007), também é uma realidade nos espaços de arte de diversas localidades, incluindo os da cidade de Vitória, na qual, majoritariamente, as/os mediadoras/es são estudantes de Artes Plásticas ou Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo e, como são estagiárias/os, existe uma alta rotatividade, já que podem permanecer no máximo dois anos no estágio.

³ Reafirmamos nossa compreensão de que a escola de Educação Infantil tem em seu atendimento, uma organização própria e particular, diferenciando-se em meio a outros modelos escolarizados, e com outros objetivos pedagógicos: “[...] a defesa do modelo escolar para a Educação Infantil não se confunde com a antecipação indevida de conteúdos e metodologias do Ensino Fundamental, nem corresponde a práticas mecânicas, disciplinadoras e esvaziadas de sentido para a criança, mas pressupõe um trabalho profissional (pautado por teoria e método), sistemático e organizado de modo consciente em busca da concretização de uma intencionalidade pedagógica determinada” (Pasqualini; Lazaretti, 2022, p. 30).

Essa alternância, muitas vezes, não permite que as instituições realizem formações sistemáticas voltadas para os diferentes públicos, quiçá formações que sensibilizem para um olhar atento e com ações educativas intencionais para o público infantil.

Nessa direção, Gabre (2021) discorre sobre o assunto afirmando que:

A ausência da compreensão dos elementos que constituem a infância pode fazer com que os mediadores sintam-se inseguros com a presença da criança pequena no museu, pois a visão comumente construída sobre elas, como incapazes, revela-se nas atitudes e vozes [...]. Nesse sentido, além do entendimento do conceito de criança, das diferentes infâncias e das estruturas que a formam faz-se necessário aprofundar um pouco mais esses saberes na relação que estabelecemos com as crianças no espaço do museu para que essa ação seja a mais significativa possível para todos (Gabre, 2021, p. 62).

Partindo desse entendimento da autora, anuímos que, para que as crianças possam aproveitar ao máximo o espaço de arte, as obras expostas, a mediação e a experiência em si que é habitar⁴ o equipamento cultural, os sujeitos que integram os educativos desses espaços precisam compreender as particularidades das infâncias e das crianças e, para isso, seria fundamental que se realizassem formações específicas com as/os mediadoras/es e arte educadoras/es a fim de atender ao público pré-escolar.

Ressaltamos que os museus e as galerias são espaços experimentais de conhecimentos de arte, e, para as crianças da Educação Infantil, são ambientes cheios de possibilidades para o despertar da curiosidade, pesquisa, vivência, exploração e sensibilização.

Nesse contexto, a mediação cultural opera como viabilizadora para a formação das/os pequenas/os visitantes, uma vez que realiza essa conexão entre a compreensão do público e o que está em exposição. Essa percepção amplia os julgamentos do senso comum e concepções preexistentes de que museus e/ou galerias de arte são espaços apenas de entretenimento, restituindo-os como lugar de aprendizado, anseios, trocas e de problematizações.

Faz-se necessário, então, apresentar nossas interpretações sobre as categorias que permeiam o trabalho educativo nos aparelhos culturais, sendo elas as curadorias educativas, as/os mediadoras/es e as mediações (processo mediativo). Na cidade Vitória - ES, território da pesquisa, percebemos ser premente a produção de curadorias e ações pedagógicas voltadas para crianças pequenas e bem pequenas nos aparelhos culturais.

As curadorias educativas são definidas por Martins (2011, p. 313) como sendo ações que consideram “[...] não uma função ligada aos Museus e espaços culturais, mas uma atitude, um modo de operar consciente na escolha criteriosa do que levamos para a sala de aula e das exposições visitadas com nossos alunos”.

⁴ Habitar, aqui segundo Gabre (2021, p. 21-22) é “[...] uma metáfora que pressupõe: ‘estar presente em’, ‘se sentir pertencente a’ [...] habitamos na medida em que estabelecemos uma relação de pertença e bem-estar no espaço edificado e, por essa relação de intimidade, há o desejo de estar, pois há ali um vínculo afetivo estabelecido”.

Entretanto, foi Luiz Guilherme Vergara quem cunhou esse termo a partir de sua dimensão educativa. Vergara (1996) defende a importância das ações educativas nos espaços de arte e determina que o objetivo da curadoria educativa é:

Explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. [...] Tornar a arte acessível a um público diversificado é torná-la ativa culturalmente. Esse é um ponto que tem sido crucial de debates e simpósios internacionais sobre museus de arte e sua redefinição. Ação Cultural da Arte implica em dinamização da relação arte/indivíduo/sociedade - isto é, formação de consciência e olhar (Vergara, 1996, p. 41).

Portanto, estabelecemos que a curadoria educativa funciona como um dispositivo para que o ambiente se torne propício para que as crianças tenham um encontro afetivo e reflexivo com as produções artísticas tanto nos espaços de arte quanto nos centros de Educação Infantil. Reafirmamos a premência de realizar curadorias educativas com/para crianças pequenas, pois devido ao fato de que, majoritariamente, são leitoras visuais, a seleção de imagens da arte e da cultura visual se torna potente para provocar o debate, o questionamento, a dúvida, a crítica dentre outros posicionamentos que muitas vezes não acreditamos que as crianças possam ter.

Quanto as/os mediadoras/es, sujeitas/os do processo mediativo, por muito tempo foram intituladas/os como monitoras/es e/ou guias, devido a uma concepção reducionista de que o trabalho seria o de guiar o/a espectador/a e explicar a exposição. Contrariando essa concepção, defendemos que o trabalho é o de fomentar a interação obra-espectador, assim, complementamos com a definição de Martins e Picosque (2012), que inferem sobre o papel da/o mediador/a como sendo:

[...] importante para a criação de situações onde o encontro com a arte, como objeto de conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura. É capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz (Martins; Picosque, 2012, p. 17).

Segundo Ana Mae Barbosa (2008), a nomenclatura utilizada no passado para definir a função de mediador/a museal, que era a terminologia “monitor/a”, é a expressão mais preconceituosa para indicar os profissionais encarregados da visita aos espaços. Ela ressalta que:

Geralmente são educadores formados em Universidades, nos cursos de História, de Arte, de Educação e até mesmo de Comunicação. Eles são educadores, pois tratam de ampliar a relação entre o museu e o público, ou melhor, são mediadores entre a obra de arte e o público. Monitor é quem ajuda um professor na sala de aula ou é o que veicula a imagem gerada no HD, no caso de computadores. Arelada à palavra, vai a significação de veículo e de falta de autonomia e de poder próprio (Barbosa, 2008, p. 29).

Visto isso, concordamos com a afirmação de Barbosa (2008) de que a nomenclatura mais adequada para definir a função de quem realiza a mediação cultural é o termo “educador/a museal” ou “mediador/a”,

pois trata de conceder respeito e significado a uma profissão que expande a compreensão e conexão do público visitante com as obras e o próprio espaço cultural.

Determinar uma nomenclatura ultrapassada e preconceituosa a esse trabalhador cultural é designar que a profissão e seus profissionais tenham um lugar de meros acompanhantes dos visitantes, e sua função na verdade é de educadoras/es em espaços não formais de educação, já que eles contribuem imensamente para a fruição e apreciação estética do público.

Já as mediações, que são o intermédio do ato de mediar as ações decorrentes da curadoria educativa e empreendidas pelas/os mediadoras/es, podem ser definidas como um processo que precisa “[...] ser provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e à imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor” (Martins; Picosque, 2012, p. 29).

A mediação cultural, sustentada pelas autoras, irá envolver o sujeito para uma experiência estética e estésica no meio artístico, uma oportunidade de encontro com a arte e a cultura que possa refletir em como a pessoa olha e se coloca no mundo, ampliando repertórios e levando a provocações, ponderações e inquietudes que ecoam na vida dos sujeitos.

O processo mediativo que acontece nos museus e galerias de arte, por muito tempo e em alguns lugares, ainda permanece acontecendo por meio de visita guiada embasada no modelo tradicional de ensino, pautado na transmissão de informações teóricas oriundas de curadoras/es, críticos de arte e historiadores.

Compreendemos que a mediação cultural é um meio que possibilita a integração entre a obra e o fruidor, pois irá unir os saberes de teóricos e estudiosas/os da arte com as problematizações e vivências de cada espectador/a, assim, juntos esses conhecimentos são “[...] imprescindíveis para a ampliação da compreensão da arte, ultrapassando o perigo de colocar na voz do mediador a interpretação que poderia ser colocada como única e correta” (Martins; Picosque, 2012, p. 17).

Esse tipo de mediação, aliada aos saberes sobre as especificidades da Educação Infantil e das infâncias, torna-se fundamental para mediar para/com a criança pequena, pois considera a opinião, os comentários, as experiências culturais e suas vivências no processo. Assim, concordamos com Martins e Picosque (2012) quando afirmam que a mediação começa com o sujeito, parte da consciência individual para o saber coletivo:

Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo contato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação cultural como a compreendemos, quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos. Obrigá-nos, assim, a sair do papel de quem sabe e viver a experiência de quem convive com a arte (Martins; Picosque, 2012, p. 62).

A mediação para as crianças da Educação Infantil, muitas vezes, não é ponderada pelos sujeitos que habitam/trabalham nos equipamentos culturais, e um dos motivos é que muitas pessoas ainda tem “[...] a crença na incapacidade desses sujeitos” (Carvalho, 2007, p. 9.), supondo que as crianças da primeira infância têm uma idade difícil de lidar e não são capazes de opinar por não terem conhecimento.

O conceito de mediação de Vigotski (2007) reitera que o aprendizado está nos ensinamentos por meio da mediação e do convívio social (interação verbal). O autor aborda dois importantes fatores da nossa pesquisa, a mediação e o aprendizado infantil. Assim, para mediar, no contexto do ensino e da aprendizagem das crianças da Educação Infantil, faz-se necessário considerar a conquista de conhecimentos com a intervenção do Outro e das próprias experiências pessoais e sociais.

Para Vigotski (2007, p.100) a intervenção, por meio do processo de mediação e apropriação, é essencial, pois “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam”, ações imprescindíveis no processo ensino aprendizagem.

Refletindo, na perspectiva da curadoria educativa e mediações culturais para a Educação Infantil, Gabre (2021) expõe o assunto sob um viés totalmente pensado nas crianças e nas infâncias como principais em sua cultura e contextos. As crianças da Educação Infantil são compreendidas como seres sociais, que participam ativamente nos seus processos de produção de saberes e cultura, e os espaços culturais são considerados locais de experiências possíveis e potentes para elas habitarem. Em suas palavras:

Para habitar o museu com a criança pequena, o público infantil, é necessário instalar uma relação de apropriação a partir de vivências significativas, tendo a ludicidade, a imaginação e a interação como eixos norteadores. Portanto, há a necessidade de romper com a visão de museu como um lugar sagrado e para poucos, para uma elite cultural, e agir no sentido de possibilitar a formação de um repertório cultural desde a infância a partir de um trabalho compartilhado entre os adultos que atuam na educação, seja ela na escola ou no museu (Gabre, 2021, p. 22).

Concordamos com o pensamento da autora, uma vez que perceber a criança como sujeito que pode fruir e apreciar a arte e os espaços culturais é pertinente para pensarmos as conexões existentes entre educação, arte, infância e os sistemas da arte.

O contato com a arte/educação nos equipamentos culturais potencializa as crianças a pensarem e se posicionarem de forma crítica e com autonomia para que, posteriormente, possam questionar seu papel como ser social no mundo que as cerca. Ainda sobre o assunto, a autora disserta:

Compreender a criança pequena como público de museu é algo necessário no momento atual, pois muito além de fazer parte do público escolar é fundamental considerar a importância de possibilitá-la o contato direto ao universo da arte. No entanto, para que essa ação seja construída e efetivada é imprescindível que os adultos envolvidos nessa relação de trabalho estejam dispostos a rever seus conceitos e práticas para atender as crianças pequenas compreendendo-as nas suas especificidades (Gabre, 2021, p. 23).

Assim, inferimos que o processo mediativo com/para crianças pequenas precisa considerar a escola da infância como um aliado, unindo formação para as/os profissionais das escolas e dos museus, além de curadorias, expografias e ações educativas consideradas a partir de uma perspectiva que tenha a criança e suas especificidades como principais em suas concepções, garantindo-lhes o direito de usufruir desses espaços e seus educativos.

Os museus e galerias de arte de Vitória-ES e a educação em arte para crianças pequenas

Na cidade de Vitória não existe uma quantidade significativa de espaços de arte, porém compreendemos que, mesmo sendo poucos, muito se tem feito para a disseminação da arte e da cultura no estado do Espírito Santo por meio de políticas públicas e pelo setor privado, que cada vez mais vem investindo nessas áreas. Várias são as instituições que têm como princípio a educação em arte e cultura na cidade, porém são ínfimos os espaços que pensam as crianças da Educação Infantil como um público potencial.

Durante a pesquisa realizada, entramos em contato com 13 instituições da cidade, dentre elas 4 museus (3 públicos e 1 privado), 2 centros culturais e 7 galerias de arte (1 municipal, 4 comerciais privadas e 2 federais localizadas na Universidade Federal do Espírito Santo). Destas apenas 6 responderam à pesquisa. Os equipamentos culturais que deram respostas positivas sobre a realização de educativos, mediações e ações para crianças pequenas foram: SESC Glória, Museu Vale, Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas – MUCANE, Galeria de Arte Espaço Universitário – GAEU, Galeria Matias Brotas Arte Contemporânea – MBac e Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo – MAES.

Enviamos um questionário para os sujeitos (mediadoras/es, curadoras/es, arte/educadoras/es) que trabalham nas sessões educativas dos espaços que dispõem de educativos e mediações para as crianças pequenas e, nesse sentido, a produção de dados contribuiu para explicitar como acontecem esses processos bem como a concepção que as/os trabalhadoras/es que atuam nesses espaços têm sobre a temática em questão.

Todos os sujeitos que responderam ao questionário apontaram que suas ações e mediações são pensadas considerando todas as faixas etárias, incluindo as crianças pequenas, e alegaram que seus processos mediativos para esse público específico acontecem através da formação de mediadoras/es e arte/educadoras/es, de diálogos com o público, de visita mediada, de oficinas, de cursos, de atividades e de vivências nos próprios espaços. Declararam ainda, já ter realizado ações com crianças da Educação Infantil nos respectivos espaços em que trabalham, ressaltando a relevância desse público nos sistemas de arte.

Educativos e mediações no MAES e na MBac

Dentre os aparelhos culturais elencados que incluem as crianças da Educação Infantil, foram escolhidos dois espaços para realizar o estudo de caso. Os equipamentos culturais determinados para as

proposições foram o Museu de Arte do Espírito Santo – Dionísio del Santo - MAES (Figura 1) e a Galeria Matias Brotas Arte Contemporânea – MBac (Figura 2), ambos escolhidos por estarem com exposições abertas durante a pesquisa.

O Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo – MAES fica localizado no Centro da cidade de Vitória, é um espaço público gerido pelo Governo do Estado do Espírito Santo e pertence à Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). Em funcionamento desde 1998, o Museu ficou vários anos fechado para reforma e reabriu as portas em dezembro de 2020 com a exposição “Vix - Histórias Capixabas”. Atualmente o MAES não conta com um setor educativo e somente quando é contemplado com algum projeto externo é que esse setor é ativado, o que torna um desafio a elaboração de educativos e mediações para o público em geral.

Figura 1 – MAES Museu – Fachada



Fonte: acervo das autoras, 2022

Figura 2 – Galeria Matias Brotas – MBac – Fachada



Fonte: acervo das autoras, 2022

A Galeria de Arte Contemporânea Matias Brotas é uma instituição comercial localizada no bairro da Mata da Praia, fundada em 2006 por Sandra Matias e Lara Brotas. A galeria, além de dispor de educativos para suas exposições e receber os mais variados públicos, ainda desenvolve, uma vez por ano, o educativo ArteCria, que é destinado ao público infantil. Em relação ao momento da visita, os dois espaços realizaram visitas mediadas com crianças e a proposição de uma atividade.

O estudo de caso nesses espaços ocorreu a partir de duas visitas mediadas com uma mesma turma de um Centro de Educação Infantil da cidade (Grupo 5 – vespertino). As crianças tinham entre 5 e 6 anos de idade.

Ressaltarmos que as duas instituições, tanto o MAES quanto a MBac, durante o primeiro contato para agendar a visita das crianças, não tinham nenhum material educativo, propostas ou ações de mediação planejadas para receber a Educação Infantil. As propostas foram estruturadas/elaboradas após o contato feito. Isso mostra como os espaços de arte, mesmo afirmando que atendem às crianças e pensam

em todos os públicos, na hora da montagem do educativo, não concebem a Educação Infantil como um público que vai de fato visitar as exposições.

Outra questão pertinente que merece ser citada é que existe uma dificuldade em agendar esses momentos para a Educação Infantil, tanto por parte das instituições, que às vezes não dispõem de horários que atendem determinado turno, quanto por parte da equipe da escola, que apresenta resistência em sair com as crianças do espaço escolar. No agendamento das duas proposições, enfrentamos alguns desafios em relação a horários, transportes, cancelamentos e reagendamentos. Consideramos que essa situação, muitas vezes, prejudica o desejo da/o professor/a da Educação Infantil de sair com as crianças da escola para realizar esse tipo de atividade.

O MAES não dispõe de um setor educativo, apenas quando a exposição é contemplada com algum projeto cultural o Museu contrata um/uma arte educador/a e mais mediadoras/es. Especificamente, na exposição que visitamos com as crianças, o mediador, juntamente com o diretor do Museu, realizou a proposta educativa.

Já a MBac dispõe de educativos para as exposições em cartaz, porém apenas durante o projeto ArteCria é que conta com a participação de uma arte/educadora e de mais mediadoras/es. Nas outras exposições quem configura o educativo é a estagiária, que também atua como produtora de vendas e mediadora.

Chamamos a atenção aqui para o fato de que as duas pessoas que realizam as ações educativas nesses espaços são estudantes de artes da Universidade Federal do Espírito Santo, assumindo grande responsabilidade ao serem designados para montar esses educativos e mediações mesmo sem terem terminado sua formação acadêmica, mostrando mais uma problemática em relação aos educativos em espaços não formais de educação.

A mostra visitada no MAES foi “LINGUAGENS – DIONÍSIO / SAMÚ”, exposição de obras do acervo do Museu, com dois artistas importantes para a cena artística de nosso estado: Dionísio del Santo e Raphael Samú. A exposição reuniu trabalhos que se destacam por meio das linguagens representadas pelos artistas, que são expressas por diferentes técnicas como nanquim, serigrafia, xilogravura, pintura e mosaico. A exposição visitada na Matias Brotas foi “A ousadia das Linhas, a astúcia das Sombras”, dos artistas Fernando Augusto e Sandro Novaes, com Curadoria de Agnaldo Farias. Na mostra os artistas dialogam sobre os lugares que habitam, as temporalidades vividas e suas representações por meio de desenhos, pinturas, colagem e uma NFT (*token* não fungível ou "objeto digital certificado").

O educativo para “LINGUAGENS – DIONÍSIO / SAMÚ” foi preparado pelo mediador do MAES com auxílio do diretor do Museu, já o educativo da MBac foi preparado pela mediadora com a colaboração das pesquisadoras.

Nas duas proposições, realizamos uma visita ao Centro de Educação Infantil, preparando as crianças, explicando por que elas iriam visitar o Museu/Galeria, qual exposição seria mediada, quem iria

mediar, onde ficava o Museu/Galeria, qual seria o meio de transporte e outras informações pertinentes para o entendimento delas de como iria acontecer a visita e a mediação. Nosso objetivo era que as atividades produzissem sentidos objetivos, concretos, para as crianças.

A visita e a mediação com/para o grupo 5V na exposição “LINGUAGENS – DIONÍSIO / SAMÚ” aconteceu no MAES. Inicialmente as crianças foram recebidas pelo mediador do MAES, que as direcionou ao andar superior, onde havia sido preparado um tablado em que foram dispostas várias folhas de papel A4 e diversos riscadores como canetinha, lápis de cor e giz de cera (Figura 3). O mediador pediu que as crianças desenhassem como elas imaginavam que seria a obra “Vaca adormecida e pássaro”, do artista Dionísio del Santo. Algumas acabaram rapidamente e depois quiseram explorar o espaço, pois nessa mesma sala estava acontecendo uma residência artística e havia algumas obras e um artista produzindo, o que gerou curiosidade nas crianças (Figura 4). Outras se demoraram no desenho, querendo representar todos os elementos com calma e precisão.

Figura 3 – Desenho “Vaca adormecida e pássaro”



Fonte: acervo das autoras, 2022

Figura 4 – Exploração do espaço



Fonte: acervo das autoras, 2022

Durante a realização dos desenhos, o mediador ficou conversando com as crianças, indagando sobre seus desenhos, perguntando sobre o que elas achavam que veriam na exposição e no museu. Algumas das crianças apontaram que:

Yasmin⁵: Esse museu não tem dinossauro porque é um museu de arte.

Allan: Vou desenhar bem grande!

André: Tem muita pessoa aqui!

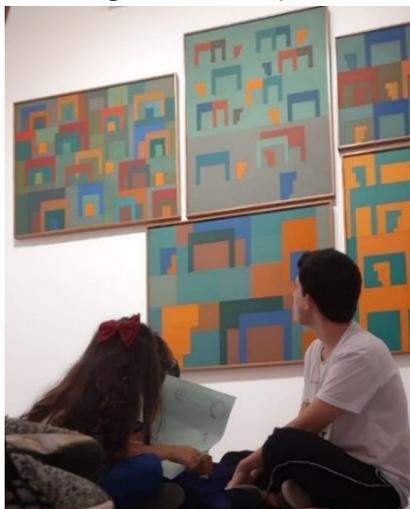
Gabriella: Eu escolhi o rosa que é meu preferido. Eu conheço as cores em inglês: *red, pink, blue...*

Lucas: Eu gosto mais de desenhar casinha, vou usar minha criatividade pra desenhar!

⁵ Por questões éticas, utilizamos nomes fictícios.

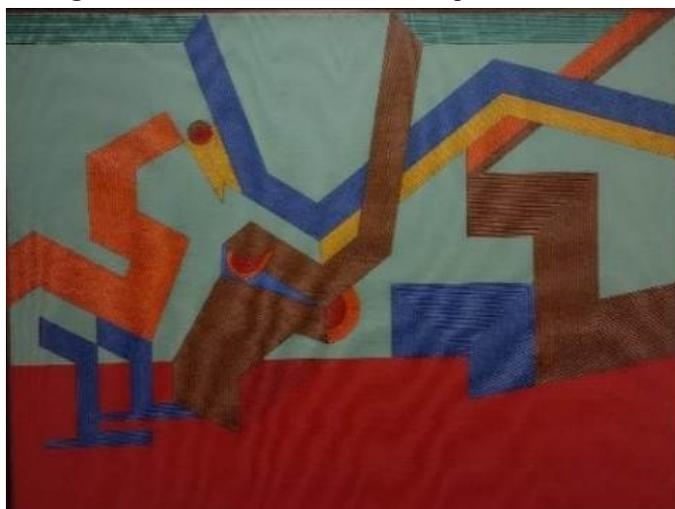
Depois de alguns minutos as crianças foram direcionadas para a sala expositiva, e o mediador iniciou a explicação sobre os artistas (Figura 5). Na sequência, mostrou a obra “Vaca adormecida e pássaro” (Figura 6), que eles desenharam anteriormente, e perguntou se ela era diferente do que eles tinham imaginado.

Figura 5 – Mediação



Fonte: acervo das autoras, 2022

Figura 6 – Obra “Vaca adormecida e pássaro”



Fonte: acervo das autoras, 2022

As crianças responderam que não se parecia com o que haviam desenhado. Assim, diálogos interessantes surgiram nesse momento:

Mediador: olha que pintura grande, essa daqui ó, adivinha que pintura é essa?

Allan: O Pássaro e a Vaca adormecida!

Mediador: Exato! E ela parece com o que vocês desenharam?

Allan: Não!

Mariana: Não parece, porque a gente não fez igualzinho né? porque a gente não fez isso daqui, porque a gente não sabia como era.

Allan: O pássaro é aquele ali ó!

Lucas: É laranja e azul.

Mediador: Ele parece um pássaro de verdade?

Luise: Não parece, é estranho, a cabeça dele parece até um pirulito.

Durante a mediação foi explicado sobre os artistas, as obras e técnicas utilizadas. O mediador utilizou uma linguagem acessível, que as crianças pudessem entender, recorrendo à ludicidade e relacionando com elementos do cotidiano e com suas experiências, como o fato de comparar a cabeça do pássaro a um pirulito. Essa relação feita pela Luise reafirma o que Sarmiento (2004, p. 25) considera, pois brincar é “[...] muito do que as crianças fazem de mais sério”.

Quando perguntamos às crianças o que acharam da exposição, elas disseram que gostaram muito e entenderam o que o mediador explicou. Disseram que as obras eram muito boas e lindas, e que eram muito legais, mas que acharam o mosaico do artista Raphael Samú (Figura 7) um pouco estranha, porque não se parecia com as outras obras da exposição.

Figura 7 – Mosaico do artista Raphael Samú

Fonte: acervo das autoras, 2022

Esse estranhamento se dá pelo fato de que a obra é um mosaico com uma composição um pouco diferente do que elas tinham visto na visita. As obras da mostra eram todas de linguagens como desenho, pintura, gravura, elementos com os quais elas já haviam tido contato alguma vez. Essa obra de Samú era composta de pedaços de tesselas de vidro e, como suporte, uma placa de cimento, não sendo mosaico figurativo, apenas abstrações compostas pelo artista, o que gerou o estranhamento nas crianças devido ao desconhecimento de como o mosaico pode ser feito.

Já no momento de visitação na MBac, as crianças também foram recebidas pela mediadora e foi iniciada a mediação ali mesmo na recepção da Galeria, onde a exposição se inicia. Foi mostrado o espaço e as obras, iniciando uma conversa sobre os artistas e suas técnicas. A mediadora sempre se atentava a perguntar às crianças suas percepções e o que estavam observando na obra de cada artista. Uma obra que chamou a atenção das crianças foi a NFT (*token* não fungível ou "objeto digital certificado") (Figura 8) do artista Sandro Novaes. A mediadora explicou o que era a obra, o que gerou vários diálogos e afirmações por parte das crianças:

Allan: Acho que é um desenho com linha reta.

Luise: Fica se mexendo, essas linhas.

André: Isso é uma obra que fica na televisão, é digital.

Mediadora: Isso! É uma obra digital. Ela não é igual esses quadros que a gente está vendo do lado de fora. Ela só fica dentro da televisão. Ela foi criada com tecnologia e é única, só o artista ou quem compra a obra vai ter ela.

Figura 8 – Mediadora explicando a obra NFT (*Token* não fungível ou objeto digital certificado)

Fonte: acervo das autoras, 2022

Após esse momento na primeira sala, fomos direcionadas à sala expositiva, na qual encontram-se a maioria das obras da exposição. Logo de início, as crianças ficaram muito felizes com o tamanho do espaço, pois as obras estavam todas nas paredes e existia apenas um banco como móvel.

Como é próprio dessa faixa etária, elas viram ali um grande espaço para brincar, pois as crianças “[...] adoram brincar e é por essa via que desenvolvem sua aprendizagem” (Gabre, 2019, p. 157). Então, começaram a correr e, durante a brincadeira, foram observando as obras e, assim, aprendendo durante o brincar. Depois de alguns minutos, a mediadora convidou todas elas a se sentarem no chão e iniciou uma conversa sobre os artistas e suas técnicas, sempre se atentando a lhes perguntar sobre suas percepções e sobre o que estavam observando na obra de cada artista. Durante esse momento, as crianças fizeram várias observações sobre as obras de Sandro Novaes, o que gerou um diálogo entre elas e a mediadora:

Allan: Têm várias linhas.

Mariana: É preto, branco e cinza.

Mediadora: Mas o que ele usa pra fazer as linhas?

Luise: Não sei, acho que vamos ter que chegar bem pertinho pra ver.

André: Eu acho que é de desenho.

Mariana: Ah já sei, parece que é de fita.

Mediadora: O Sandro usa vinil para fazer suas obras, que é tipo uma fita mesmo, um plástico colante, e ele utiliza bisturi para cortar esse vinil, que é aquela faca que o médico usa para operar os pacientes.

Sobre as obras de Fernando Augusto, as crianças comentaram:

André: Eu não gostei dessas, fiquei com medo.

Mariana: Esse artista faz obra de terror.

André: As cores que tem é preto, branco, azul e verde.

Mediadora: Não precisa ter medo das obras, apesar de elas terem cores escuras não tem nada demais! O que tem representado nas obras?

Luise: Casas!

Mediadora: Isso, são apenas casas, não precisamos ter medo das casas!

Allan: De longe parece muito de terror, mas eu fui de perto e não fiquei mais com medo.

Analisando a mediação, pudemos perceber que a mediadora empregou uma linguagem que a turma entendia, sempre utilizando perguntas ativadoras para aproximar o que estava explicando à realidade das

crianças para que elas pudessem se envolver mais na mediação, ou melhor, na conversa. Dialogamos então com Sarmiento (2004, p. 23), quando infere que a ludicidade é “[...] um conjunto de atividades ou rotinas, artefactos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interacção com os seus pares”.

Em relação às explicações sobre os artistas e obras, a mediadora não se prolongou muito e não ficou apresentando muitas informações que não fossem relevantes para as crianças, sempre sendo lúdica e abordando pontos que elas compreendiam, provocando-as a criarem conexões com o que já conheciam ou imaginavam. Esse tipo de mediação vai ao encontro do eixo fantasia do real, no qual o “[...] ‘mundo do faz de conta’ faz parte da construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas” (Sarmiento, 2004, p. 26).

Após as conversas e a observação das obras, a mediadora propôs uma atividade utilizando o material que o artista Sandro Novaes utiliza em suas obras, que é o vinil e que, para as crianças explorarem, foi substituído por durex colorido (Figura 9). Inspiradas na produção do artista, as crianças teriam que construir suas obras utilizando o chão como suporte (Figuras 10 e 11). Nesse sentido, o que era para ser uma produção individual, aos poucos, na interação entre elas, tornou-se uma produção coletiva.

Figuras 9 a 11 – Crianças vivenciando a atividade proposta

Figuras 9



Figuras 10..... Figuras 11



Fonte: acervo das autoras, 2022

Ao final da proposta, observamos que elas estavam mais interessadas com o processo de desenrolar a fita e colar no chão que com o resultado da obra.

Quando acabaram com todas as fitas, nem quiseram apreciar a obra que tinham feito, e então a visita foi terminando. Ajudamos a mediadora a tirar as fitas do chão, ação que as crianças gostaram bastante, pois com os resíduos da fita montaram uma outra obra abstrata. Elas quiseram levar esse objeto para a escola e, mais tarde, brincaram com o emaranhado de fitas como se fosse uma bola (Figura 12).

Figura 12 – Restos da obra que virou brinquedo

Fonte: acervo das autoras, 2022

Nessa direção, trazemos outro eixo da cultura infantil que é a reiteração, ou seja, a recursividade que se revela tanto:

[...] no plano sincrônico, com a contínua recriação das mesmas situações e rotinas, como no plano diacrônico, através da transmissão de brincadeiras, jogos e rituais das crianças mais velhas para as crianças mais novas, de modo continuado e incessante, permitindo que seja toda a infância que se reinventa e recria, começando tudo de novo (Sarmento, 2004, p. 29).

Aqui percebemos como o processo da atividade contou muito mais para as crianças do que o resultado em si e como os resíduos dos próprios trabalhos viraram um objeto afetivo que foi ressignificado como bola de futebol para brincar no parquinho.

Abad e Chavepeyer (2014, p. 13) definem o objeto memória como tendo uma função “[...] de oferecer um apoio à memória através de um traço, um vestígio material”, e mesmo não sendo nossa intenção durante a mediação dar um objeto memória ao final da visita, as próprias crianças o consideraram assim, levando para a escola os vestígios materiais das fitas de seu trabalho colaborativo e transformando-os em um objeto afetivo da memória por meio do qual eles se lembrariam do dia que visitaram a Galeria.

As atividades e proposições vivenciadas nos dois equipamentos culturais possibilitaram que as crianças pudessem ter uma memória afetiva do momento da visita (seja pelo desenho ou pela construção coletiva da bola de durex) e, mesmo tendo sido realizadas como complemento da mediação, abordagem muito comum em educativos, as duas se diferem pelo material, suporte utilizado e pelo espaço-tempo. Essas atividades corroboram com o pensamento de Gabre (2019), quando afirma que:

[...] é importante investir em ações que acontecem no próprio espaço expositivo, por intermédio da interação e manipulação das obras que permitirem isso, ou a possibilidade de investir em uma ação que envolva a brincadeira, o corpo e a exploração dos sentidos no espaço expositivo que se visita (Gabre, 2019, p. 163).

No MAES, a atividade proposta pelo mediador teve uma abordagem mais tradicional ao lançar mão do desenho em papel com lápis e canetinhas, porém se distinguiu ao ser realizada anteriormente à visita a exposição. Compreendemos que, mesmo obtendo um produto final, que foi o desenho, a atividade fez as crianças pensarem na obra que ainda seria vista, colaborando para a mediação e o que estava sendo experienciado, além de potencializar a criatividade ao terem que refletir sobre algo que não conheciam.

A atividade da MBac, por ter sido pensada juntamente com as pesquisadoras que investigam os educativos e mediações para a Educação Infantil, foi ponderada de forma a se distanciar totalmente dos modelos tradicionais de escolarização do espaço de arte, atentando-se para o material, o suporte e a não obtenção de um produto final.

Ainda que o mediador do MAES tenha proposto desenhos em folha A4, tangenciando os modelos tradicionais de atividades para crianças, durante toda a visita, utilizou uma linguagem lúdica, sempre realizando perguntas ativadoras para que as crianças pudessem fazer conexões entre o que estava sendo explicado naquele momento e suas vivências e experiências pessoais. A mediadora da MBac utilizou do mesmo recurso para envolver as crianças na mediação.

Durante as visitas mediadas, pudemos observar que tanto a mediadora da MBac quanto o mediador do MAES agiram de forma distinta das/os mediadoras/es citadas/os por Cristina Carvalho (2007) em seu artigo “Criança menorzinha... ninguém merece!”, no qual ela discute sobre a dificuldade apresentada pelas educadoras/es do CCBB em interagir com o público infantil.

Compreendemos que esse diferencial se dá provavelmente pelo fato de os dois estagiários já terem mediado anteriormente com/para as crianças da Educação Infantil, estando acostumados a mediar para esse público.

Outro fator que consideramos ter contribuído para uma mediação qualificada foi a quantidade reduzida de crianças que participaram da proposição, pois a turma do G5V só tinha 12 crianças e, no dia da mediação na MBac, apenas 4 crianças compareceram. No MAES também só compareceram 10 crianças. Ressaltamos esse diferencial, pois é muito mais complexo mediar para uma turma de 30 crianças, como aconteceu com as/os mediadoras/es do CCBB.

Observamos também se, durante as visitas mediadas, a equipe do educativo considerava os eixos da cultura infantil, que são a interatividade, a fantasia do real, a reiteração e a ludicidade (Sarmiento, 2004). Ressaltamos que em um processo mediativo, assim como o que foi vivenciado pelas crianças, ocorre essa relação com os eixos citados ao trazer a interatividade, propiciando novas formas de contato e diálogo das crianças com seus pares, nesse caso, seus colegas de escola, professoras/es, mediadora e outros que participaram da visita.

A fantasia do real pode ser observada quando as crianças utilizam o espaço da visita para brincadeiras e reinvenção do objeto de arte que criaram bem como quando a mediadora e o mediador buscam criar conexões entre a exposição e elementos já conhecidos ou imaginados por elas.

Nesse momento, a ludicidade também se faz presente, pois segundo Gabre (2019, p. 157), “[...] talvez seja o eixo mais visível nas crianças, mesmo não sendo exclusivo delas. Elas adoram brincar e é por essa via que desenvolvem sua aprendizagem”. A ludicidade ainda aparece na conduta da mediadora e do mediador ao buscarem, nas perguntas ativadoras, acessar o que as crianças traziam de conhecimentos e também refletissem sobre os elementos da exposição em uma linguagem que elas entendessem.

Por fim, a reiteração vai aparecer na reinvenção de novas possibilidades das crianças se relacionarem com o mundo por meio de suas narrativas e que, durante as duas mediações, foram reformuladas e reelaboradas ludicamente por diversas vezes.

Considerações finais

Nesta pesquisa, investigamos as ações educativas e mediações culturais com/para crianças pequenas a partir das narrativas dos sujeitos (crianças e mediadoras/es) em espaços não formais.

Reiteramos, aqui, que o enfoque dado à Galeria Matias Brotas – MBac e ao Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo – MAES se deve ao fato de que, no período da produção de dados, eram os dois equipamentos culturais que estavam com exposição de arte em cartaz.

Por meio dessa investigação, observamos que existem várias problemáticas em relação ao ensino/aprendizagem da arte em espaços não formais de educação para as crianças pequenas e, mais especificamente, no nosso local de pesquisa, Vitória – ES, isso não é diferente.

Constatamos com essa pesquisa que são poucas as instituições da cidade que desenvolvem ações que incluam as crianças pequenas, e as que dispõem desses educativos, como os dois espaços pesquisados, ainda apresentam resquícios decorrentes do ensino tradicional de Arte, como o fato de produzirem sempre algo antes, durante ou ao final da visita das crianças, que segundo Gabre (2019, p. 161), é uma “[...] concepção de ensino da arte que vai à contramão do que se espera da arte hoje, tornando o processo, de certo modo, escolarizado”.

Compreendemos a importância de inclusão desse público nos sistemas da arte e que esses espaços não formais de educação apresentam potencialidades para contribuir para a formação da criança não só no campo da arte, mas também no pessoal e afetivo.

É preciso que os equipamentos culturais incluam todos os públicos, crianças, adultos, idosos, pessoas com deficiências, dentre outros para que cumpram com seu papel de formação cultural, social e educativa.

Conforme evidenciamos na pesquisa, temos poucos espaços que fazem mediação e pensam diretamente o público infantil, entretanto, percebemos que eles têm qualificado, a cada dia, o setor

educativo para um olhar sensível para a primeira infância. Reiteramos, ainda, a premência de políticas públicas que invistam nos espaços públicos para atender as crianças da Educação Infantil.

Por fim, acreditamos que esses dois espaços educativos, ao proporem ações educativas voltadas para o público infantil, são o princípio de uma concepção de inclusão das crianças pequenas e quiçá, de bebês e crianças bem pequenas, pelos equipamentos culturais de nossa cidade e que, posteriormente, mais espaços começarão a considerar que o público que compõe a Educação Infantil é potente para habitar, fruir e ressignificar o espaço e as obras presentes neles.

Referencias

- ABAD, J. M.; CHAVEPEYER, I. Olhares cruzados. In: *MUSEUS, ARTES VIVAS E PRIMEIRA INFÂNCIA: ENCONTRO INTERNACIONAL* – Limoges, 2014. Tradução de Ana Lúcia Silva Paranhos. (Não publicado).
- AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. Com a Palavra as Crianças: algumas reflexões sobre as relações raciais na escola. In: *34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED – Educação e Justiça Social*. Natal: RN, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Educação em museus: termos que revelam preconceitos. In: *Diálogos entre arte e público*, Recife, v. 1, p. 30-34, 2008. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/acervo-local/producao-academica/002694032.pdf>. Acesso em: 27 maio 2022.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, 2009.
- BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil* (DCNEI, 2010) /Secretaria de Educação Básica. – Brasília, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 maio 2022.
- BRASIL. *Lei 11904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm. Acesso em: 1 fev. 2022.
- CARVALHO, M. Cristina. Crianças menorzinhas... Ninguém merece! In: *ANPED - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO*, 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-3581-int.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- GABRE, Solange. *Habitar o Museu com Criança Pequena: formação colaborativa como possibilidade*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- GABRE, Solange. O Museu de arte e sua dimensão educativa: em defesa da criança pequena como público. In: *Atos de Pesquisa em Educação*, [S.I.], v. 14, n. 1, p. 145-168, maio 2019. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7282/4200>. Acesso em: 31 maio 2022.
- MARTINS, Mirian Celeste. Arte, só na aula de arte? In: *REVISTA EDUCAÇÃO - PUCRS*, v. 34, n. 3, 20 out. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9516>. Acesso em: 6 maio 2022.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos da cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- PASQUALINI, Juliana Campregher; LAZARETTI, Lucinéia Maria. *Que Educação Infantil queremos?: Um manifesto em defesa da educação escolar para crianças pequenas*. Bauru, SP: Mireveja, 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). *Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

VERGARA, Luiz Guilherme. Curadorias Educativas, A consciência do olhar: percepção imaginativa – perspectiva fenomenológica aplicadas à experiência estética. *In*: *ANAIS ANPAP*, 1996, Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.